

O advir da criação na clínica

Carmen Ines Debenetti
Tania Mara Galli Fonseca

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, RS, Brasil

RESUMO

Este trabalho visa pensar o processo terapêutico como um projeto de conhecimento do corpo-criação, que consistiria no desvendamento da vida através dos planos que compõem o pensamento (arte, filosofia e ciência), facultando a composição de novos territórios existenciais, numa aptidão para deixar aparecer as coisas como se apresentam, num constante abrir-se. A noção de paradigma ético-estético e político nortearia as práticas analíticas. O paradigma estético pressupõe a criação em seu estado nascente, que é o que constitui a potência permanente de atualização. O paradigma ético e político evidencia um compromisso com a potência e efetuação da vida na diferenciação do ser, e um ato de responsabilidade frente ao constituído e frente ao que vai se constituindo, e, que ultrapassa os esquemas pré-estabelecidos.

Palavras-chave: Clínica; criação; paradigma estético.

ABSTRACT

The happening of the creation in the practises

This work aims to think the therapeutic process as a body-creation knowledge project, that would consist in unveiling of life through the parts that composes the thought (art, philosophy and science), allowing the composition of new existential territories, in an ability to let the things appear the way they happen, in a constant opening. The notion of ethical-aesthetic and political paradigm would direct the analytic practices. The aesthetic paradigm cares for the existence creation and of the permanent creation of the world. It presupposes the creation in its nascent state, that is what the update permanent power is made of. The ethical and political paradigm evidences a commitment with life power and effectuation in the being's differentiation, and a responsibility act facing the constituted one, as well as the options which go constituting themselves and that overtake pre-established outlines.

Keywords: Clinical; creation; aesthetic paradigm.

RESUMEN

El advenir de la creación en la clínica

Este trabajo tiene como objetivo pensar el proceso terapéutico como un proyecto de conocimiento del cuerpo-creación, que consistiría en la revelación de la vida a través de los planos que componen el pensamiento (arte, filosofía y ciencia), facultando la composición de nuevos territorios existenciales, en una aptitud para dejar aparecer las cosas como se presentan, en un constante abrirse. La noción de paradigma ético-estético y político guiaría las prácticas analíticas. El paradigma estético presupone la creación en su estado naciente, que es lo que constituye la potencia permanente de actualización. El paradigma ético y político evidencia un compromiso con la potencia y efectución de la vida en la diferenciación del ser, y un acto de responsabilidad frente a lo constituído y frente a lo que va constituyéndose, y, que ultrapasa los esquemas preestablecidos.

Palabras clave: Clínica; creación; paradigma estético.

A clínica vai além da racionalidade técnica que a legitima. Esgarça o mito da possível neutralidade, porque o terapeuta interfere diretamente no fenômeno, armando-o à sua maneira e tornando-o acontecimento que ultrapassa o ato. Se a transferência se desfêz, se o fantasma apareceu, nunca

se sabe se foi só isso. Porque também se sabe da intensidade das forças, do encontro dos corpos, do imprevisto, da surpresa, da vida que inventa e cria. Esses instantes são fugazes, singulares, subversivos. Escapam e resistem à palavra e não se pode dizer muito deles. Não os capturam os códigos, porque não

se pode descrever o que está em vias de se formar. Sua inspiração pode estar em qualquer lugar e nunca se sabe de onde sairá, porque o desejo nasce e corre por toda a parte, escapa ao estabelecido, atravessa desertos, cria formas e sentidos inusitados. Estes instantes estão livres de todas as referências do negativo, da falta e do significante.

Os acontecimentos ocultam-se a um sentir menos sensível. Não se encontram escritos, porque são construção momentânea. Não dependem apenas de um ou de outro. Ocorre entre um e outro. O entre, esse lugar que não é o eu nem o outro, onde as palavras e as coisas se tocam, é o lugar do impessoal, das marcas que se desdobram e fazem aparecer o sentido. Coloca-se a questão do encontro e de suas ressonâncias. A experiência entre os corpos é de pura afecção, de sensorialização do corpo em sua dimensão de força e intensidade. Algo brota ali onde nada existia antes, movido pelo desejo e conjunções singulares. Estão além da teoria e excedem a técnica; perguntas em aberto e respostas nômades. A cada momento se produz um resultado único e irrepitível que escapa ao previsível. O ato da criação dá forma onde nada havia, sendo um íntimo que se desdobra em espaço aberto e revela-se como Fora. Estabelece um constante vaivém entre o dentro e o Fora, transgride o limite do instituído, para divisar novos modos de existência.

De que lugar se trabalha: desde o poder ou desde a potência? O poder estaria do lado de nosso suposto-saber. Configura o que já está posto, como se fosse o que poderia vir-a-ser, onde o sujeito se tornaria cada vez mais ele mesmo. O “humano demasiado humano”, como diria Nietzsche (1978). O homem, dizia ele, é o criador dos valores, mas esquece sua própria criação e vê nos valores algo de “transcendente”, de “eterno”, de “verdadeiro”, e passa a compor padrões demarcados e adaptativos. A vida se desenvolve num cenário que tem como fundamento valores; avaliar, recusar e criar valores passa a ser tarefa importante para o favorecimento da vida. Mas, o que afirma nossa existência também é aquilo que a destrói. O desejo é capturado por uma ilusão de poder deter as rédeas da situação, recorre a verdades transcendentais para a resolução de problemas e, enfraquece o próprio potencial, quando não reabastecido pela criação, pela inventividade.

Na potência, não há regras possíveis. Potência significa estar aberto ao entre-forças que constitui o Fora, num espaço vertiginoso intensíssimo, como dirá Pelbart. (1989) Defronta-nos com um abismo, onde a linguagem se expõe a este jogo intensivo, deixando circular em seu meio o entre-forças, avançando numa expectativa aberta para o novo, o inusitado, o desconhecido. A potência é, essencialmente, criadora,

extrapola os limites de uma forma figurativa do eu, e se faz por acaso e improvisação, no acaso dos encontros, onde se produzem diferenças. Como diria Nietzsche (1978), é o inumano, o incorporeal, o que carregamos de intensidade que tem a potência de criação, e, é o que interrompe o discurso da memória, salva a história infinitamente repetida e garante o vir-a-ser. Criar é vir-a-ser e colocar a realidade como devir, inventando um novo território. Lispector (1973, p.75), assim, referirá o vir-a-ser: “... é uma lenta e lenta dor boa. É o espreguiçamento amplo até onde a pessoa pode se esticar”.

Para Guattari e Deleuze (1997) nas três grandes formas de pensamento ou da criação, na arte, na ciência e na filosofia, trata-se sempre, de enfrentar o caos e esboçar um plano sobre o caos. A filosofia abre-se ao infinito, traçando um plano de imanência, fazendo surgir os acontecimentos. A ciência renuncia ao infinito para ganhar referência, construindo estados de coisas com suas funções. A arte quer criar um finito que restitua o infinito e ergue monumentos com suas sensações. Estabelecem-se entre estes planos, correspondências que compõem uma malha, onde os elementos que vão sendo criados nos diferentes planos, ligam-se a outros, na constituição do pensamento como heterogêneses.

O processo terapêutico constituir-se-ia como um projeto de conhecimento do corpo-criação, que consistiria no desvendamento da vida através destes planos que compõem o pensamento, facultando a composição de novos territórios existenciais, numa aptidão para deixar aparecer as coisas como se apresentam, numa tal atitude, cada momento, cada agora, como num abrir-se constante.

Nesta perspectiva, terapeuta e paciente caminhariam no rastro da criação que dá passagem do finito ao infinito, buscando sempre a diversidade do mundo terapêutico. Numa ontologia construtivista, onde o mundo se cria a cada momento, constituindo objetos e formas de subjetivação.

Neste enquadre, uma análise deveria ter o compromisso de resgatar permanentemente a capacidade da criação. Consistiria em caminhar a partir do que temos constituído, mas como algo provisório, parcial, em direção ao desconhecido. A noção de paradigma ético-estético e político nortearia as práticas analíticas, a fim de que outras perspectivas, desejos e composições pudessem ser atualizadas. Para que o ato analítico se torne um acontecimento, para que aquilo que é vivido como hábito, rotina e o que pareceria obvio, seja desnaturalizado, trazendo inquietação e liberação de forças e potências.

O paradigma estético trata da criação da existência e da criação permanente do mundo. Pressupõe a criação em seu estado nascente, que é o que constitui a

potência permanente e contingente de atualização, de devir. Para Guattari (1992) o limite da constituição do paradigma estético está na aptidão desses processos de criação para se autoafirmarem como fonte existencial. O paradigma é também, ético e político, pois evidencia um compromisso com a potência e efetuação da vida na diferenciação do ser, e, um ato de responsabilidade frente ao constituído, frente às opções que vão se constituindo e que ultrapassam os esquemas preestabelecidos.

O paradigma estabelece um campo de possibilidades de captação dos objetos incorporais na sua dimensão de alteridade propriamente dita, do acolhimento do estranho em nós, algo que Rolnik (1993) chama de marcas, uma memória do invisível, não de fatos. O que se passa não é só da ordem do plano visível, mas também do invisível, igualmente real. No visível há uma relação entre um eu, o outro e o mundo, como unidades individuais e independentes. No invisível há a textura feita de fluxos que se conectam com outros fluxos, formando composições que se interligam com outras composições. Para a autora, tais composições geram em nós estados inéditos inteiramente estranhos em relação aquilo que chamamos de nosso eu. O que vem primeiro é a capacidade de se deixar marcar, que não tem a ver com o individual, mas com o pré-individual.

Rolnik (1993) dirá que as marcas encarnam estados inéditos, que se produzem no corpo, a partir das composições que vivemos, porque constituem uma diferença, quando o corpo é coagido por uma violência que faz pensar. Signo vivido em nosso corpo que coage em sua estranheza, desestabiliza e exige a criação de um novo corpo, um outro modo de sentir, pensar, agir, que encena um estado inédito, nunca vivido antes. Uma marca colocada em circuito continua viva e insiste como um virtual, sempre podendo ser atualizada, quando é atraída ou atrai ao encontrar ressonâncias, instaurando sempre uma abertura para a criação de um novo corpo.

Para a autora, este movimento feito de marcas, suas atualizações e combinações dizem de um tempo que funciona sob uma outra lógica. Uma memória das marcas como pontos virtuais, como linhas de tempo que se abrem em múltiplas e imprevisíveis direções em que vai se produzindo a realidade. Portanto, um tempo memória que dura e insiste, memória que se faz no corpo, não em seu estado visível, mas em seu estado invisível, onde o corpo integra aquela textura que se compõe de misturas de fluxos.

Do ponto de vista do invisível, a linha do tempo engendra um trabalho com uma marca, que na espera e esquecimento, submerge à inquietação e coage por sua estranheza, efetuando-se um novo corpo, uma nova existência. É um movimento contínuo, pontuado por

intensidades que produzem diferenças que disparam atualizações em múltiplas direções. O trabalho é fazer um corte e, efetuar no visível o devir que se engendra no invisível.

Não reproduzir o visível, mas tornar visível forças invisíveis, captando sua intensidade. O invisível é o tempo, a pressão, a inércia, a atração, o grito. O corpo visível mostra as forças invisíveis pelas marcas que elas deixam nele e, tornando-as visíveis ele as potencializa e eleva-as a um nível vital. Mesmo que essa força seja a morte, as marcas-feridas, tornam-se sensação, raio intensivo. Poder de risco de vida, dirá Deleuze. O grito aterradorante que vira vida.

Logo, o corpo seria o provável espaço onde o indivíduo pode constituir uma figuração possível para si, num modo de criar o corpo, que o transporta para um jogo entre o invisível e as palavras, e neste exercício, esculpe a matéria-prima do tempo que dura. A ordem da corporeidade precede a da representação, e encontra a matéria para a criação do corpo, em seu aspecto afectivo-perceptivo. Segundo Porto (1996, p. 123), “é neste modo de (re)apresentação muito originário, que o inconsciente profundo se banha e, é com este material que podemos pensar a criação do corpo”.

Segundo Naffah Neto (1996), a dinâmica que rege o devir dessas forças é, fundamentalmente, o inconsciente primordial, indizível e invisível que é fluxo, e, por isso, se constitui num fazer permanente, devir em movimento, indefinindo seus objetos, por mais estruturas que ele encontre ou que se reconheça numa origem única. Para Katz (1996, p. 92) “... o inconsciente é o encontro do real-imaginário e, portanto, inseparável dentro-e-fora”.

Trata-se de um modo outro de conectar-se com o corpo, a partir do que é vivido e que, ao mesmo tempo, expressa uma constante luta pela não captura da existência ao instituído. Da ação do corpo participam impactos afetivos de diferentes qualidades, produzidos pelos acontecimentos, como alimentos afetivo-simbólicos que podem ser acolhidos e assimilados. A comunicação, na situação analítica, acontece no âmbito da linguagem com seus usos e figuras e no âmbito daquilo que atravessa a linguagem, que a usa segundo propósitos, que definitivamente são pré-verbais, intensivos. Uma linguagem levada ao seu extremo limite, à potência do indizível. Essa linguagem se liga ao inconsciente primordial, do qual fala Naffah Neto (1996), para além de seu caráter representativo e comunicativo. É deste campo virtual de forças, que brota uma nova condição da linguagem criativa, que racha com a mera repetição de sentidos.

O que se tem, então, é um olhar para uma outra cena que não as tecnicamente encerradas em insondáveis passados e indecifráveis enigmas e, “fazer falar aquilo

que gostaria de permanecer mudo”, (Nietzsche, 1978) ao invés, de só descrever e interpretar. Tratar-se-ia de, operar com uma clínica que não é uma ideia de método, mas de travessia, no embalo do encontro acaso inesquecível, intempestivo que se prefigura enquanto signo que violentamente coage, interroga, rouba a paz e força a pensar. Procurar o que ainda não existe nas fronteiras do desconhecido. Talvez por isso se torne tão difícil olhar. Porque o olhar logo divisa o que já conhece e o que lá está, deixando intocadas as intensidades, os buracos, os vazios, os choques. O olhar que não quer se desacomodar. O desafio parece ser lidar com a interrupção do processo que quebra a continuidade da estrutura pela emergência do acontecimento, do acaso, que resulta do jogo de forças entre desejos e encontros. Trata-se de enxergar, sentir, viver, deixar-se afetar e acompanhar estes movimentos que criam sentidos novos para novos modos de existir.

Pelbart (2004) afirmará que, a relação terapêutica não responde sobre o visível da história. É uma operação que exige a desobstrução de um invisível, como campo virtual para devires. A relação com o invisível é o espaço em que surge o tempo que brota, jorra e deriva. Neste sentido, trata-se de propiciar condições e dar tempo para que a forma e o tempo brotem à partir do informe e do indecيدido, para trazer o acontecimento. Considerando isso, a condição para o pensamento, para a criação, para a transformação, é resgatar o jorrar do tempo em sua vida e não na sua antecipação.

Naffah Neto (1996) dirá que, é no invisível que cada existência se tece e se constitui numa alternância entre diferentes personagens, que se criam e se desmancham como expressões formais de lutas entre múltiplos campos de forças. Neste sentido, o trabalho terapêutico estará sempre procurando interpretar as formas como o corpo é constituído e regido por estas forças e, como pode ou não acolhê-las e participar de seu devir, como escolha.

Aponta, portanto, para um processo de criação, sendo os materiais de expressão que se disponibilizam, as imagens, as marcas, as percepções, os afetos, os desejos, enfim, corpos com um potencial de criação ilimitado, a partir de suas combinações e misturas. Um modo-rizoma onde ressonâncias se conectam, colocando em jogo regimes de signos e de não-signos muito diferentes entre si. Não cabe responder, mas experimentar, desconstruir verdades, abrir-se para forças intensivas, para os afectos que pedem passagem e conectam-se no entre. Operar como um plano de consistência como meio, como entre, como acontecimento, como um processo que acompanha os movimentos intensivos que impelem à criação de sentidos.

Desde esta perspectiva, o passado não seria entendido como a origem primeira, mas como um

tempo repleto de marcas que duram e insistem, sempre em movimentos de atualizações. As marcas deveriam descrever, mais precisamente, como os corpos tomam posse do que aparece, arrastando a matéria do que está em vias de se constituir. Ter presente um processo de devir é estar-entre, no interstício de dois pontos, aquilo que seria condição e vontade de novidade. O novo se dá quando uma inesperada ruptura acontece, quando algo incita a um começo, já que a diferenciação é da ordem de um vazio, da quase-causa que marca uma linha de fuga, expressão da virtualidade: devir-acontecimento. Corazza et al. (2004), referirão que o acontecimento estabelece uma distinção entre duas co-dimensões do presente: a parte da história ou do “ser” desse presente e a sua parte virtual ou não-histórica do devir. Estabelece-se uma outra lógica temporal, que é a do tempo que contém as marcas que se potencializam por ressonâncias.

A concepção das marcas como matéria-prima do corpo, de que fala Rolnik (1993), pode ser correlacionada com a concepção de Walter Benjamin (in Gagnebin, 1999), do sujeito que retoma inventivamente sua origem perdida, como uma abertura de inacabamento constitutivo. Isto só é possível se uma história é dita com hesitações, inquietações e angústias, resistindo à tentação de preencher as faltas e sufocar os silêncios, fazendo um reencontro imediato com o passado, como se a lembrança pudesse agarrar-se a uma ideia. Deve ser contada como uma história que se desenvolve agora e que admite vários percursos possíveis, várias sequências diferentes, conclusões desconhecidas e que podem não só ser escolhidas, mas inventadas. O conceito de origem designaria a origem que quebra a linha do tempo, e, faz saltar o passado congelado, as marcas-feridas, que fazem ligações inéditas e desenham novos sentidos.

Benjamin (in Gagnebin, 1999), igualmente, propõe a lógica temporal, do “tempo de agora”, que instaura o instante daquilo que começa a ser um devir sem partir de lugar algum. A memória interrompe o rio, e recolhe, num instante privilegiado, as migalhas do passado e as oferece à atenção do presente. O eu vai se dizendo nessas miniaturas de sentido com acabamento estético que é a condição de sua significação. O eu nelas se diz, não só para lembrar-se de si, mas também para ceder lugar a outro que não si mesmo. Um lembrar criador e transformador como uma tentativa sempre retomada que pede outro devir. Um sujeito se desfaz e outro surge. Significa a renúncia à discursividade linear, para deter a atenção em um instante que se rompe e acarreta uma alteridade sempre transformada do objeto.

Stiegler (2005) partindo de Nietzsche, dirá que o homem se humanizou hipertrofiando sua memória, incorporando um passado que ele mesmo nem viveu.

Mas, se seu corpo carrega a memória de um passado excessivo, sua consciência em compensação, isola deliberadamente o passado para tornar-se disponível ao presente e atento ao mundo, porque sem esquecimento não poderia haver presente.

Tratar-se-ia de lutar contra a transformação da memória do passado numa espécie de eterna repetição, num discurso interminável, que seria uma infidelidade ao presente. Se não fosse o esquecimento, a consciência ficaria invadida de sentimentos do passado. Impossibilitado de ação no presente, o homem, só poderia re-sentir o passado, eternizando o que era contingente e fortuito. O ressentimento designa uma reiteração do sentimento passado que, enquanto vivência passiva, toma o lugar da atividade presente. Esse passado ressentido, seria o trauma, acontecimento que não acabou de acontecer, um acontecimento que não tramita. O passado não torna-se apto para ser esquecido, o presente está obstruído e o futuro não se abre, como um campo de possibilidades do que já passou.

Para Benjamin (in Gagnebin, 1999), o esquecimento, igualmente, não significa perda, pois sempre há a preocupação de sob as ruínas do passado dar voz a sua potência criadora. O esquecimento remete à felicidade porque não significa mais negligência ou injustiça. Vai além da rememoração perigosa, que ao sofrer uma interrupção e um estado de choque cria uma verdade radical, produzindo sentidos novos.

O esquecimento, para Nietzsche e Benjamin, significa uma resposta ativa ao apelo do presente e a promessa do futuro. Stiegler (2005) dirá que, a hipertrofia da memória, ao mesmo tempo, que é a fonte de patologias, é também, de inéditas promessas de individuação. A alegria do esquecimento é de não ter mais que se lembrar, por não mais carregar um peso insuportável do passado. Mas se apoiar no passado para tomar impulso para ir para frente com uma nova leveza, que transforma o sofrimento ressentido em singularidade.

Mas, se como afirma Stiegler, (2005), a hipertrofia da memória é de fato aquilo que abriu a carne humana mais que outra, ao excesso de fluxo, ela é, também, aquilo que a levou a se fechar, porque a irrupção de um elemento estrangeiro afeta e transforma sua organização interna e provoca necessariamente sofrimento.

Mas, por outro lado, como diz a autora, o corpo está encarregado de introduzir no fluxo tudo aquilo que a ele falta, organizando-o e estabilizando-o e, nisso, projetando no fluxo ficções necessárias à sua organização. Tal é a virtude, o sentido, fundamentalmente organizador de todo o organismo.

É preciso, então, ser sensível ao sofrimento advindo do excesso de fluxo, sem fechar completamente as portas

ao exterior. Lapoujade (2002) afirmará que, se fica doente porque não se acede aos próprios sofrimentos. O paradoxo é tornar a vida doente para separá-la do sofrimento, e todo o problema consiste em encontrar uma saúde no sofrimento: ser sensível ao sofrimento do corpo, sem adoecer. Então se as marcas-feridas, por um lado, produzem um estado de enfraquecimento, por outro lado, um trabalho enquanto instrumento de pensamento-criação tem o poder de penetrar nessas marcas e fazer atualizar sua potência.

A exigência ética em relação ao sofrimento significaria dar ao real e ao material sua potência de interrogação e de criação. A narrativa, para ser um processo de criação deve ter a força de romper, resistir a dor, tornar-se a dor uma fonte inacabada, sem que se transforme num fardo, mas sempre pronta a novas possibilidades de vida. O verdadeiro objeto das marcas e da rememoração seria a particularidade de um acontecimento, ou seja, sofrer o encontro com uma alteridade inesperada e inominável, entrar em contato com o que sempre esteve ali, tão próximo, mas esteve o tempo todo como fundo, reserva e possibilitação do que até então esteve presente. Seria pensar a estrutura com interrupções, com a emergência de um pensar criador e transformador que, sob as ruínas do passado, forçará a potência transformadora. Prestar atenção às asperezas das interrupções, a inquietação, às angústias que quebram os silêncios e põem à tona o incognoscível, remete aos riscos que nenhum saber preexistente conseguiria impedir. Mas este choque, que aparece como o inexprimível, que nem sempre será, forçará a potência que brota do caos. A obra atinge seu mais elevado grau de luz, abre espaço para inventar o que não se sabe, para criar e para transformar. Esta conjugação faz a imagem de uma novidade radical que se torna origem. A origem será, então, não uma ferida do passado a ser curada, mas como o advir de singularidades do eu. Assim, o passado deixa de ser um fardo, brota algo novo, ali onde há a ruptura pela conexão com o acontecimento.

Do ponto de vista da criação, o trabalho do terapeuta, seria desde a perspectiva do modo como Rolnik (1993) pensa uma prática enquanto pensamento. A autora afirmará que o trabalho com o pensamento diz respeito, fundamentalmente, às marcas e a violência que elas impelem. Se a marca coloca uma exigência de trabalho que consiste na criação de um corpo que a existencialize, o pensamento é uma das práticas onde se dá esta corporificação. A matéria-prima do pensamento são as marcas, que funcionam como universo de referência dos modos de existência que vão se criando. O pensamento exercido deste modo, funciona ao acaso e pela pressão das marcas que se fazem no corpo e das composições que vão se tecendo. O pensamento é o

fruto da violência de uma diferença posta em circuito, e é através do que ele cria que nasce a verdade de cada sujeito.

Seria uma espécie de atenção leve e intensa sobre o instante. Esta atenção indica uma presença do sujeito no mundo, tal que saiba deter-se, hesitar, perder-se. Método perigoso que pode não levar a lugar algum, porque a intensidade é ao mesmo tempo destruidora e salvadora, faz ruir a ordem das palavras e das coisas e se algo puder ser salvo, só o será sobre essas ruínas, porque a criação tem um poder de tratamento em relação aquilo que se chama marcas-feridas.

O analista não detém um saber sobre o paciente, mas um aprender, um criar. Seria como criador que o terapeuta se coloca enquanto pensador. Se utilizaria do pensamento como instrumento a serviço das marcas que convocam a ambos, analista e paciente, criando novas possibilidades de vida, que dêem conta das diferenças que vão se fazendo no corpo. O que o analista criador visa, seria suscitar no paciente este criador, que não falará das mesmas coisas, do mesmo estilo, mas desde sua singularidade, que são suas marcas.

A prática clínica ganharia uma dimensão, onde o paciente encontra suporte para desenvolver recursos psíquicos para uma experimentação que implica uma torção em seu modo de subjetivação. Experimentar recursos psíquicos para suportar a inquietação causada pela violência e estranheza das marcas. Um trabalho que potencializa a capacidade de afirmação da vida.

Para suscitar este criador, o analista tem de poder suscitá-lo em si mesmo, o que exige um “eu” de menos, para que sua escuta alcance um outro plano que não compreenderia a falta, o negativo, que estabilizaria o equilíbrio de um plano visível, mas aquilo que sobra desde este plano, criando um lugar para isto que sobra tornar-se existência. Estranho aprender e criar que oscila, ora se estagna, se acelera ou salta como se fosse do nada. Mas não, é o efeito de movimentos invisíveis que se operam na espera e no esquecimento. Um aberto a ser povoado por um pensamento criador.

REFERÊNCIAS

- Corazza, S.; Zordan, P., & Silva, T. T. (2004). um plano de imanência para o currículo. In T. T. da Silva. *Linhas de escrita* (pp. 127-203). Belo Horizonte: Autêntica.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1997). *O que é a Filosofia?* (2ª ed.). Rio de Janeiro: Editora 34.
- Gagnebin, J. (1999). *História e narração em Walter Benjamin* (1ª ed.). São Paulo: Editora Perspectiva.
- Guattari, F. (1992). *Caosmose: um novo paradigma estético* (1ª ed.). Rio de Janeiro: Editora 34.
- Lapoujade, D. (2002). O corpo que não aguenta mais. In: D. Lins, & S. Gadelha (org.). *Nietzsche e Deleuze: Que pode o corpo.* (pp. 81-90). (1ª ed.). Rio de Janeiro: Relumê-Dumará.
- Lispector, C. (1973). *Água viva* (1ª ed.). São Paulo: Círculo do Livro.
- Katz, C. S. (1996). Criançeria. O que é a criança. *Cadernos de Subjetividade*, Núcleo de Estudos e Pesquisas em Subjetividade, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, São Paulo: PUC-SP, 3, 90-96.
- Naffah Neto, A. (1992). *O inconsciente como potência subversiva* (1ª ed.). São Paulo: Escuta.
- Nietzsche, F. (1978). *Os pensadores. obras incompletas*. São Paulo: Abril Cultural.
- Pelbart, P. P. (1989). *Da clausura do fora ao fora da clausura: loucura e desrazão*. São Paulo: Brasiliense.
- Pelbart, P. P. (2004). *O tempo não-reconciliado* (1ª ed.). São Paulo: Perspectiva.
- Porto, M. (1996). O grito de Munch. Pensamento sobre os corpos da psicose. *Cadernos de Subjetividade*, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, São Paulo: PUC-SP, 4, 115-131.
- Rolnik, S. (1993). Pensamento, corpo e devir. Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. *Cadernos de Subjetividade*, Núcleo de Estudos e Pesquisas em Subjetividade, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, São Paulo: PUC-SP, 1, 2, 241-251.
- Stiegler, B. (2005). *O animal que promete: Deleuze e o problema da memória segundo Nietzsche e Bergson*. Traduzido por Paulo Germano Albuquerque e Daniel Lins. Texto digitado.

Recebido em: 12/09/2007. Aceito em: 06/05/2008.

Autoras:

Carmen Ines Debenetti – Psicóloga clínica, mestre em Psicologia Social e Institucional/PPGPSI/UFRGS.

Tania Mara Galli Fonseca – Psicóloga, doutora em Educação, docente dos programas de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional e de Informática Educativa/UFRGS.

Enviar correspondência para:

Tania Mara Galli Fonseca
Rua Campos Salles, 262 – Bairro Boa Vista
CEP 90480-030, Porto Alegre, RS, Brasil
E-mail: tfonseca@via-rs.net